

O marxismo revolucionário na história do socialismo

(Adaptado do texto de Néstor Kohan
“Aproximações ao Marxismo: uma introdução possível”)

Sejam sempre capazes de sentir, no mais fundo de si, qualquer injustiça cometida contra qualquer um em qualquer parte do mundo.

Che Guevara

Necessidade impostergável de uma alternativa

Uma espécie está ameaçada de extinção: a espécie humana! O depredador se chama capitalismo. Velho, cruel e senil, o assassino desenvolve esta tarefa há cinco infatigáveis séculos. Antes de culminar sua agonia e morrer de vez, pretende arrastar para sua tumba toda a humanidade. Não se trata de um indivíduo particular, senão de todo um sistema, um conjunto de relações sociais frias, anônimas e burocráticas, nas quais as pessoas tornam-se meros meios para a obtenção de lucro e acumulação.

Segundo um informe recente das Nações Unidas, a fortuna dos 358 indivíduos mais ricos do planeta é superior às rendas anuais somadas de 45% dos habitantes mais pobres da Terra. Segundo esse mesmo informe, mais de 800 milhões de seres humanos padecem de fome e cerca de 500 milhões de indivíduos sofrem de má nutrição crônica. A injustiça nos rodeia em cada esquina de bairro, da cidade, do país, do mundo.

Sempre foi assim? É inevitável esta injustiça? Devemos aceitar, passivos e submissos, este brutal sistema de dominação?

Nós, que aspiramos instaurar a justiça na Terra e terminar com toda exploração e dominação, acreditamos que a sociedade pode ser transformada e que outro mundo é possível. Não apenas é possível, mas necessário e imprescindível! Em oposição ao reino de morte, burocracia, mercado, dominação e exploração, existe uma alternativa viável, realista e ao mesmo tempo impostergável: o socialismo. Enfrentando dia a dia esta opinião, os poderosos meios de (des)informação contemporâneos, autênticos monopólios de alcance mundial, e os empresários que os controlam não se cansam de batalhar contra as ideias socialistas de justiça, emancipação, dignidade e igualdade.

Um dos lugares comuns mais habituais utilizados contra o socialismo é que este seria “contrário à natureza humana”. O mundo atual seria o único possível. A desigualdade seria “inata” à nossa espécie. Sempre teriam existido ricos e pobres, dominadores e dominados e... sempre existirão! A injustiça, as hierarquias, o poder e a dominação estariam dentro do coração

das pessoas... portanto — concluem em sua propaganda mal intencionada —, seriam imodificáveis.

Porém, a antropologia, a arqueologia, o estudo da pré-história, a etnologia e algumas outras ciências sociais demonstram que este lugar comum da propaganda midiática não corresponde à verdade. Os seres humanos viveram durante várias dezenas de milhares de anos sem conviver com a propriedade privada dos meios de produção, sem a economia de mercado, sem exército nem sociedade dividida em classes. O *homo sapiens* não nasceu historicamente com a bolsa de valores, o cartão de crédito e a polícia em seu alcance.

A gênese das primeiras rebeldias

Aqueles que defendem a suposta “eternidade” da desigualdade social escondem ou desconhecem que esta tem sido rechaçada e de forma veemente pelos oprimidos. Essa rejeição tem pelo menos 5.000 anos de história comprovada. Provem de duas instâncias determinadas:

a) **As revoltas, as rebeliões e os levantes dos oprimidos** ao longo da história:

- Os levantes e protestos de camponeses no Egito dos faraós;
- As insurreições dos escravos na Grécia e em Roma antigas (a mais famosa foi encabeçada por Espártaco no primeiro século de nossa era);
- As rebeliões camponesas na Índia e principalmente na China clássica (algumas triunfaram, dando origem a novas dinastias imperiais);
- As revoltas camponesas no Japão (entre 1603 e 1863 ocorreram mais de 1100 levantes);
- Os protestos de camponeses na Rússia czarista (a revolta mais conhecida é a de Pougatchev, na Ucrânia, no século XVII);
- As rebeliões indígenas na América do Sul (a mais longa e célebre — mas não a única — foi encabeçada em 1780 por José Gabriel Condorcanqui, também conhecido como Túpac Amaru);
- A insurreição vitoriosa dos escravos – os “jacobinos negros”- no Haiti em fins do século XVIII, liderados por Toussaint Louverture (François-Dominique Toussaint [1743-1803]);
- A rebelião dos escravos negros na América do Norte no século XIX (principalmente a dirigida em 1831 por Nat Turner);
- As revoltas camponesas (conhecidas como *jacqueries*) e as rebeliões de artesãos e aprendizes (entre os séculos XIII e XVI) na Europa Ocidental.

b) Os gritos de protesto, os relatos ideológicos e as concepções utópicas que acompanham invariavelmente tais revoltas, apoiando-se sempre na memória — ou na imaginação — de uma sociedade mais igualitária e mais justa. Não é casual que a lenda de uma “idade de ouro” seja um tema recorrente em muitos povos rebeldes e insurretos. Em todos eles se repete a mesma maldição contra a opressão, os protestos e as inflamadas contestações contra a exploração de um setor da sociedade por outro, o mesmo sonho e a mesma fantasia de uma sociedade superior, em que fossem abolidas para sempre todas essas injustiças, explorações, hierarquias e dominações.

Nas lutas de emancipação e nos relatos que as legitimam, a aspiração a um futuro digno e justo vem acompanhada, em geral, de certa leitura do passado. Não há rebeldia à margem da história. A identidade de quem se rebela se constrói, precisamente, no campo da história, no estreito laço que tece o passado, o presente e o futuro.

Por exemplo, encontramos estes relatos ideológicos e núcleos utópicos em:

- Os profetas hebreus e as seitas judias radicais (que anunciam um reino milenar de igualdade, felicidade e justiça messiânica, oposto a todo culto do fetiche, dos ídolos, do comércio e do dinheiro);
- Os padres originários da Igreja cristã (a expressão “a propriedade é um roubo”, por exemplo, habitualmente atribuída ao anarquista francês Pierre-Joseph Proudhon [1809-1865], provém, na realidade, do bispo de Bizâncio João Crisóstomo [aprox. 347-407]);
- Os donatistas da África do Norte (que seguem as doutrinas de Donato, cismático da Igreja do século IV e partidário da propriedade comunal);
- Os masdeístas do Irã (grupo de origem maniqueu, dos séculos V e VI de nossa era, propulsor da divisão comunitária dos bens e propriedades);
- Os hussitas na Boêmia e os anabatistas da Alemanha (durante as guerras de religião dos séculos XV e XVI), os quais preconizavam – assim como o ramo taborita – a comuna igualitária baseada na propriedade coletiva dos bens. Tomás Münzer (aprox. 1493-1525), um de seus líderes máximos, foi torturado e decapitado.

O socialismo do século XXI, o novo socialismo, é o herdeiro contemporâneo desse antiquíssimo clamor de emancipação radical. Retoma e reatualiza ambas as tradições entrecruzadas e entrelaçadas: tanto a dos levantes e rebeliões efetivos de diversos povos insurretos ao longo da história (em sua grande maioria, vencidos cruelmente pelos poderosos do momento), como a de seus anseios, relatos, fantasias, imaginações e concepções utópicas (na maior parte das vezes de índole religiosa) que acompanharam e impulsionaram tais revoltas.

Os precursores utópicos

À medida que transcorria o tempo e a história, as primeiras **concepções utópicas** foram se sedimentando, gerando **modos sistemáticos de reorganização da sociedade futura**, fundados sobre a propriedade comum e coletiva (em grego “topos” significa lugar, “utopia” seria aquilo que não tem lugar).

Entre os modelos utópicos, quase sempre condensados em alguma obra literária, os principais são:

- *A República* do filósofo grego Platão (428-348 a C);
- *Utopia* do chanceler inglês Tomás Morus (1477-1535);
- *A Cidade do Sol* do pensador italiano Tomás Campanella (1568-1639);
- *Oceana* de James Harrington (1611-1677);
- *A Nova Lei de Justiça* de Gerrard Winstanley (s/data), inspirador, em 1649, do movimento dos “autênticos niveladores” durante a revolução burguesa do século XVII;
- *As Aventuras de Telêmaco* do escritor francês François Fénelon (1651-1715);
- *O Testamento* de Jean Meslier (1664-1729);
- *O código da natureza*, inicialmente atribuído ao enciclopedista Denis Diderot (1713-1784), mas, na realidade, pertencente ao filósofo Morelle (século XVIII, s/data);
- *O Manifesto dos plebeus* de François-Noël Babeuf, (chamado Graco, 1760-1797).

Junto a Morelle e Babeuf há que agregar o filósofo e historiador francês Gabriel Mable (1709-1785). Depois destes três últimos representantes do século XVIII, os pensadores utópicos mudam de atitude. Deixam de se preocupar unicamente em descrever com pluma e papel uma sociedade do futuro, justa e igualitária, na qual seria implantada a propriedade baseada na comunidade e no coletivismo. A partir de então florescem as tentativas por alcançar mínimas doses de realismo no interior da atividade prática.

A transição entre as utopias de um século e outro está marcada pelo primeiro ensaio comunista moderno para realizar o socialismo não somente no céu etéreo das ideias, mas também no terreno tangível da sociedade. Essa primeira tentativa corresponde a Graco Babeuf, republicano e comunista partícipe da revolução francesa de 1789. Babeuf não apenas expôs em 1795 seu modelo de nova sociedade, mas encabeçou a “conspiração dos iguais” contra a ala mais reacionária — o chamado Diretório — do processo político

francês daqueles anos. Babeuf, muito antes do nascimento de Karl Marx, constitui um dos precursores da esquerda revolucionária contemporânea. Não por acaso ele tem sido associado a Marx e Blanqui, à primeira fase dos populistas rusos e a Lênin, aos partisans italianos, a Ho Chi Minh, a Che Guevara, Fidel Castro e Santucho. Uma tradição específica no interior do socialismo que não se restringe às belas ideias, ao colocar em primeiro plano a luta frontal contra o poder institucional do estado burguês, seu exercício desapiadado da força material e seus aparatos de dominação. Babeuf é um dos iniciadores desta extensa e disseminada família radical.

Sua insurreição armada foi delatada por um agente duplo e brutalmente reprimida em 1796. Em 1797, após seu suicídio, o corpo sem vida de Babeuf foi decapitado na guilhotina. Deste modo se encerrou um século emblemático que anunciou a luz da razão, mas terminou reprimindo aqueles que tomaram a sério essa mensagem de emancipação: os igualitaristas de Babeuf, na Europa, e os negros haitianos insurretos, em nossa América.

A nova etapa histórica que se abre com o século XIX encontra o pensamento utópico numa grande encruzilhada. Filho do casamento entre a revolução industrial (desenvolvida com a máquina a vapor na Inglaterra em fins do século XVIII) e a revolução política que derruba a monarquia (revolução encabeçada pela burguesia francesa em 1789), o século XIX é o século da modernidade e da expansão, violenta e sem limites, do capitalismo.

O capitalismo é um tipo de sociedade mercantil e burocrática na qual predomina a quantidade sobre a qualidade, as mercadorias e o capital sobre as pessoas, o mercado e a troca sobre a razão e o amor, o frio interesse material sobre a ética e os valores, o cálculo despersonalizado de perdas e ganhos sobre a amizade e o fetiche do dinheiro sobre os seres humanos.

O capitalismo rompe com todos os preconceitos e sentimentalismos próprios da sociedade medieval e os reduz a uma só fórmula: a do débito e do crédito. Como sistema, o capitalismo se impõe sobre os empresários individuais. A lógica da acumulação do capital (baseada na exploração do trabalho alheio através da extração de mais-valor e da exploração da força de trabalho) independe da bondade ou da maldade de cada patrão individual. A lógica do sistema se impõe a sangue e fogo, não apenas sobre as classes subjugadas, oprimidas, expropriadas e exploradas, mas também sobre cada um dos empresários capitalistas. Burguês que não se subordine a esta lógica de aço é burguês que vai à falência.

Nesse difícil contexto social, não há lugar para os sonhos de um futuro justo e igualitário nem para as fantasias de libertação radical. O único sonho permitido, a única ilusão é a do êxito pessoal e da ascensão social conquistada à custa dos outros. A competição feroz e sem dó se converte na fada madrinha deste novo tipo de sociedade que a tudo engole e incorpora. “*O homem se converte*”, nas palavras do filósofo inglês Thomas Hobbes, “*no lobo do homem*”.

Consolidação do socialismo utópico

Não obstante, contra tudo o que se poderia esperar, o milenar anseio de fraternidade, liberdade e igualdade — promessas não cumpridas pela revolução burguesa de 1789 — não se apaga nem desaparece no século de consolidação do capital. Ao contrário: quanto mais se expande o capitalismo, tanto mais ganha força o protesto e o clamor por viver de outra maneira. Os antigos sonhos utópicos renascem, com mais vigor ainda que no século XVIII, na pena socialista de:

- Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon (1760-1825);
- Robert Owen (1771-1858);
- François-Marie-Charles Fourier (1772-1837);

Contrariamente ao que se poderia supor, estes pensadores que começaram a elaborar ideias socialistas durante a primeira metade do século XIX não são homogêneos entre si.

Se Saint-Simon é considerado um dos propulsores, na França do século XIX, deste movimento político que teve muitíssimos adeptos, não é unívoca a análise sobre sua filiação ideológica. Alguns historiadores — Friederich Engels, por exemplo — o situam como precursor do socialismo. Outros, no entanto — como Ernest Mandel — o identificam como ideólogo da nascente burguesia industrial. Outros ainda — Herbert Marcuse —, como primeiro teórico da corrente ideológica positivista (que se caracteriza por rechaçar o socialismo e a filosofia, em nome da “ordem” e do “progresso”, lemas de Augusto Comte, discípulo de Saint-Simon). Já o historiador G. D. H. Cole afirma que Saint-Simon foi as três coisas ao mesmo tempo.

A discrepância e ambiguidade de tais juízos sobre o saint-simonismo provém da confusa defesa do trabalho industrial (em oposição aos “ociosos”), propagada por Saint-Simon em suas *Cartas de Genebra*. Ali, se o autor fustiga os nobres ociosos, jamais identifica alguma diferença entre os operários fabris e seus patrões, os empresários da indústria.

O certo é que, para além destas ambiguidades, Saint-Simon deixou uma máxima que o pensamento socialista abraçou em sua história posterior: “*todos os seres humanos devem trabalhar*”.

O futuro ao alcance das boas intenções?

Por outro lado, Robert Owen caracterizou-se por externar um profundo sentimento de rejeição ao sofrimento dos trabalhadores na Grã Bretanha (berço da revolução industrial). Ele mesmo era um jovem industrial de apenas 29 anos que dirigia uma empresa em Manchester com mais de 500 operários. Ali começou a aplicar concretamente sua teoria. Mais tarde, em New Lanark (Escócia), entre 1800 e 1829, gerenciou uma fábrica de tecidos de algodão com mais de 2.500 trabalhadores. Apesar de ter estabelecido um regime de trabalho muito menos espoliador que o de outras fábricas da

época e de ter enviado sistematicamente para a escola os filhos de todos os operários (inclusive continuou pagando o salário a todos eles durante os quatro meses em que a fábrica fechou por causa de uma crise de algodão), Owen não se sentiu satisfeito. “*Aqueles homens eram meus escravos*”, confessou amargamente em suas memórias.

A partir de 1823, além de defender uma legislação social, promoveu a fundação de colônias comunistas na América para os operários da Irlanda. O tipo de organização imaginada por Owen incluía desde o orçamento completo com os gastos de estabelecimento e desembolsos anuais até os ingressos prováveis de tais colônias comunistas. Não ficou apenas no sonho: buscou realizar seus projetos, investindo neles (e perdendo...) toda sua fortuna. Owen identificou três grandes instituições responsáveis pela oposição oficial a tais experimentos reformadores, as quais deveriam ser removidas: a propriedade privada, a religião e a forma atual do matrimônio.

Owen presidiu o primeiro congresso no qual se definiu a centralização dos sindicatos ingleses em uma única confederação nacional, mas isso ele não viu acontecer. Também propôs a criação de cooperativas operárias de produção, a primeira das quais foi fundada em Rochester, no ano de 1839. Owen será posteriormente lembrado como o pai do movimento cooperativista.

Quando abandonou definitivamente a filantropia para passar ao comunismo, Owen perdeu a simpatia que gozava entre as classes endinheiradas da Europa. Dali por diante, passou a atrair o ódio inflexível de toda a sociedade dominante e da grande imprensa de seu tempo.

Socialismo, falanstério e feminismo

Por sua vez, Charles Fourier, pequeno comerciante francês, destacou-se como um dos grandes críticos da sociedade burguesa e da divisão social do trabalho entre a agricultura e a indústria (entre a cidade e o campo). Ele identificou na sociedade mercantil e na economia monetária as principais fontes da venalidade e da corrupção universal.

Diferentemente do que acontece com Saint-Simon, não resta dúvida de que Fourier deve ser considerado um dos precursores do socialismo. Como tal, também deve figurar como um dos críticos mais lúcidos da sociedade patriarcal, tendo sido um dos primeiros a proclamar que o grau de emancipação da mulher em uma sociedade é o termômetro pelo qual pode se medir o nível de emancipação geral dos seres humanos.

Ao contrário das correntes mais entusiastas da economia política que viam na consolidação europeia do capitalismo um porvir luminoso de bem-estar geral para todos, Fourier assinala que “*na civilização, a pobreza brota da mesma abundância*”.

Quando compara as promessas não cumpridas dos enciclopedistas (que iluminaram, com sua luz racionalista e seu otimismo desenfreado, o século

XVIII) com a miséria e opressão capitalistas do século XIX, Fourier se transforma num crítico mordaz e satírico.

Para remediar o mal estar geral provocado pela propriedade privada e pelo capitalismo, Fourier imagina uma solução: o falanstério. Este consiste no projeto de uma coletividade de produtores e consumidores (onde todos trabalham e consomem) de 1.000 a 2.000 pessoas, na qual todos se tornam agricultores, artesãos e artistas.

Junto a Saint-Simon, Owen e Fourier temos de agregar outros dois socialistas utópicos que, apesar de não possuírem igual peso, são relevantes para se compreender a origem deste movimento: Étienne Cabet (1788-1856) e Flora Célestine Thérèse Tristan (1803-1844).

Cabet foi o primeiro de todos estes pensadores a utilizar o termo “comunista” para designar seu ideário. Seu principal livro, *Viagem a Icária*, uma ilha imaginária onde existiria uma economia planejada e sem mercado, foi lida por milhares de trabalhadores (o mesmo Cabet, talvez exagerando, costumava dizer que contava com 200.000 seguidores).

Flora Tristan era uma trabalhadora francesa que defendeu, em *A União Obreira*, a criação de “palácios operários” em todas as cidades, nos quais seria concretizada a igualdade absoluta entre os dois sexos, que receberiam uma educação comum. Nesta obra, pela primeira vez se colocava a necessidade de construção de uma organização internacional de trabalhadores.

Tristan foi uma crítica radical do modo de existência das mulheres de sua época e do matrimônio. Na sua obra *Passeios em Londres*, descreveu as mulheres como “*as proletárias dos próprios proletários*”. Flora sustentava a necessidade de se lutar em favor da emancipação das mulheres e, ao mesmo tempo, de toda a classe trabalhadora. Diversamente de certo feminismo burguês, liberal e pós-moderno de nossos dias, Flora conjugava de igual modo o verbo feminista e a língua proletária do socialismo. Não é por acaso que Marx assumiu com entusiasmo a defesa de seu feminismo contra os críticos.

Nascimento do marxismo

Um salto qualitativo no socialismo moderno se produz com a passagem do socialismo utópico para a filosofia da práxis e a concepção materialista da história que o marxismo traz consigo.

Com os pensadores alemães Karl Marx (1818-1883) e seu companheiro e amigo Friedrich Engels (1820-1895), a teoria socialista abandona definitivamente todo rastro especulativo e todo projeto imaginário de futuro para tentar vincular-se politicamente às classes trabalhadoras das sociedades capitalistas de massas.

Mesmo reconhecendo que os socialistas utópicos (de Saint-Simon e Fourier a Owen e Flora Tristan) não eram simples “sonhadores”, somente com o pensamento de Marx e Engels o socialismo deixará de ser algo mais que uma seita — neste caso, reformadora da sociedade —, para converter-se no protagonista central da política contemporânea, desde o século XIX aos dias atuais.

Fazendo um balanço geral e referindo-se a todos os socialistas anteriores, a suas imagens futuristas e seus projetos utópicos, Engels assinalou que “O socialismo é, para todos eles, a expressão da verdade absoluta, da razão e da justiça, e basta ser descoberto para que, por su própria virtude, conquiste o mundo”.

A tradição de pensamento que fundam Marx e Engels forma a parte medular da história do socialismo, mesmo que, na hora de batizar, em 1848, a difusão de seus princípios fundacionais, ambos tenham optado pelo título *Manifesto Comunista*.

O nome “socialismo” era utilizado — especialmente na França a partir de 1830 — para designar, em termos gerais, as ideias e os partidários de Babeuf, os owenianos, os fourieristas e os saint-simonianos. Todos eles, muitas vezes sem distinção entre uns e outros, eram considerados “socialistas” porque ressaltavam “a questão social”.

“Comunismo” foi outra palavra que começou a ser utilizada na França durante a agitação social que se seguiu à revolução de 1830 (que derrubou a monarquia bourbônica e a substituiu pela orleanista). Não se sabe exatamente quando surgiu, mas se utiliza pela primeira vez em relação a algumas das sociedades revolucionárias secretas de Paris durante a década de 1830, passando a ser de uso corrente, desde 1840, para designar as teorias de Étienne Cabet. Tal como a utilizavam os franceses, evocava a ideia da *comuna*, ou seja, a unidade básica de bairro e do governo autônomo, e indicava uma forma de organização social baseada em uma federação de “comunas livres”. Ao mesmo tempo, porém, sugeria a noção de *comunidade*, isto é, a posse e a propriedade comum de todas as coisas.

Cabet utilizava o termo segundo a última concepção. De acordo com o primeiro aspecto, o termo se relacionava aos clubes clandestinos radicais e, por causa deles, passou a ser empregado no nome da Liga Comunista de 1847 e no do *Manifesto Comunista* de 1848 de Marx e Engels.

Ainda que o termo “comunismo” (utilizado na Inglaterra a partir de 1840) contasse com uma referência semântica sumamente próxima a de “socialismo”, acabava incorporando um aroma mais militante, radical e clandestino. Por isso Marx e Engels o preferiram para designar seu manifesto. Queriam assustar a burguesia e assim o fizeram.

À ideia de “socialismo”, com toda a crítica ao capitalismo e à desigualdade que este implicava, o termo “comunismo” agregava a noção de confrontação e luta revolucionária para acabar com ele. Além disso, possuía em seu

mesmo nome uma conexão mais próxima com a ideia de propriedade e usufruto comuns (não é casual que um século e meio depois de seu primeiro emprego por Marx e Engels, na América Latina, o nome “comunismo” segue associado, por todas as facções da direita e pelos militares, aos de “subversão” e “terrorismo”, os grandes demônios e fantasmas que assombram os sonhos dos burgueses e milionários).

Irmandade ou luta de classes sociais?

Se o socialismo anterior a Marx pensava que “*Todos os seres humanos são irmãos*”, a partir daquele momento a ênfase do socialismo passa a depositar-se na solidariedade de classe. Em outras palavras: contrariamente ao que pensava Saint-Simon e seus colegas, os trabalhadores e os empresários, os operários e seus patrões não são “irmãos”. O conceito saint-simoniano de “trabalho industrial” era demasiado vago e indeterminado. No lugar de explicar, encobria a realidade. Entre operários e patrões existe um conflito, há luta. Não uma luta em termos individuais ou pessoais, mas uma luta social de força e de poder entre as classes sociais. As relações sociais do capitalismo (valor, dinheiro, capital, etc.) são relações sociais de produção e ao mesmo tempo constituem relações sociais de força e de poder entre as classes sociais.

Respondendo a esta nova ideia, um dos trechos iniciais do *Manifesto Comunista* começa sustentando que: “*Toda a história da sociedade humana, até a atualidade, é a história da luta de classes. Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, senhores e servos da gleba, mestres e aprendizes, em suma, opressores e oprimidos estiveram em constante antagonismo entre si, travando uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, outras vezes aberta*”.

Ao invés de dirigir-se ao coração do ser humano, à bondade, à piedade, aos bons sentimentos, à compaixão, à colaboração bem intencionada, à filantropia e à fraternidade universal de todas as classes, este texto emblemático culmina conclamando: “*Proletários de todos os países, uni-vos!*”. A partir de então se abre uma nova época na história do socialismo, na história das concepções sociais do mundo e na história política da humanidade.

Ao contrário do que sustentaram erroneamente Karl Johann Kautsky (1854-1938) ou Louis Althusser (1918-1990), Marx e Engels não introduziram suas ideias “de fora” do movimento operário. Publicaram seus manifestos e documentos num estreito vínculo com o setor mais radical dos operários europeus politicamente organizados. Estes solicitaram de Marx que escrevesse o *Manifesto*. Por exemplo, em carta de 24 de janeiro de 1848, exigiam: “*O comitê central [da Liga dos Comunistas, N.K.], pela presente, encarrega o comitê regional de Bruxelas de comunicar ao cidadão Marx que, se o manifesto do partido comunista, do qual assumiu a redação no último congresso, não tiver chegado a Londres em 1º de fevereiro do ano atual [1848, N.K.], serão tomadas as medidas pertinentes contra ele. Caso o cidadão Marx não cumpra seu trabalho, o comitê central solicitará a imediata devolução dos*

documentos colocados à disposição de Marx". Assinaram a carta um sapateiro, um relojoeiro e um velho militante comunista...

Marx não desceu de uma suposta torre de marfim para brindar os trabalhadores com seus conhecimentos. Pelo contrário, elaborou suas reflexões e programas em diálogo e intercâmbio permanente com eles.

A grande síntese de Marx

Porém, Marx e Engels não se dedicaram, em sua obra, a dialogar unicamente com os trabalhadores. Ao mesmo tempo, promovem uma polêmica permanente e uma revisão crítica dos saberes universais de sua época. Ambos entrecruzam e dialogam com três grandes constelações de saberes:

- a filosofia clássica alemã (principalmente a obra de Georg Wilhelm Friedrich Hegel [1770-1831]) e seu método dialético;
- a historiografia sociológica francesa (fundamentalmente Augustin Thierry [1795-1856], François Auguste Mignet [1796-1884], François Guizot [1787-1874] e Thiers);
- a economia política britânica (sobretudo a obra de Adam Smith [1723-1790] e de David Ricardo [1772-1823]).

A estas “três fontes e partes integrantes do marxismo” — como as denominou V. I. Lênin — teria que se agregar outros dois afluentes, muitas vezes esquecidos nos manuais de história do socialismo. Essa fonte adicional de inspiração que nutre a obra de Marx está ligada à literatura:

- O teatro elizabetano de William Shakespeare (1564-1616). Marx era um admirador fanático, ao ponto de empregar muitas das metáforas de Shakespeare para designar o comunismo como “um fantasma” (como no início do *Manifesto Comunista*) e a revolução como “uma velha toupeira” (final de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*). Ambas as expressões — hoje célebres — correspondem ao *Hamlet* de Shakespeare...
- A literatura romântica alemã de Friedrich Schiller (1759-1805), sobretudo, o *Fausto* de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Marx adota de Goethe, inclusive antes de ler Hegel, a necessidade de uma concepção totalizadora do mundo centrada na ação e na práxis. Fundamentalmente, comoveu-se com aquela passagem do *Fausto* em que Goethe retraduz para o alemão a *Bíblia* da seguinte maneira: “No começo fez-se a ação”.

A maior conquista de Marx, e sua vantagem sobre as ideologias e doutrinas socialistas anteriores, foi ter sintetizado estes cinco afluentes conformando uma concepção integral do mundo e da história humana até então ausente na tradição socialista. O socialismo deixa de ser uma fantasia igualitária, um ensaio futurista, um clamor por mais justiça ou um relato histórico dos padecimentos humanos para se transformar numa nova concepção do

mundo e da vida, uma teoria crítica da história e da sociedade capitalista através do método dialético e uma filosofia totalizadora do ser humano e de sua práxis.

Nesta ambiciosa concepção se incorporam todos os antigos e milenares anseios utópicos de justiça e os ensinamentos de todas as rebeliões práticas que ao longo de 5.000 anos de história buscaram semear e colher outro tipo de sociedade. Ambas vertentes se fundem e se sintetizam sobre um novo terreno: a historicidade.

Nova perspectiva da história

Marx desmontou o suposto caráter “eterno” que tanto os pensadores da revolução francesa quanto os socialistas utópicos haviam atribuído a seus pensamentos. Fez o mesmo com todas as instituições, supostamente “perenes” e “imortais”, começando pela propriedade privada e a justiça, continuando pelo Estado. Nada escapa ao fogo da história, que a tudo derrete e dissolve. Mesmo o que aparentemente é mais “sólido”, mais petrificado e cristalizado, como é o caso do capitalismo, entra em combustão ao tomar contato com a história.

A chave da compreensão histórica deixa de repousar então nos bons e maus desejos, intenções e declarações dos políticos, assim como nas ações das “grandes personalidades” da história. Para compreender as mudanças entre uma época e outra há que atentar, fundamentalmente, para o conjunto de relações sociais que os seres humanos constroem entre si (de todas elas, as principais são — para Marx — as relações sociais de produção, ainda que não sejam as únicas). A essa visão de conjunto Marx e Engels denominaram “concepção materialista da história”. O termo “materialista” não faz referência à matéria físico-química (os átomos que conformam um metal, por exemplo), mas à materialidade social, à materialidade das relações entre os seres humanos.

A conclusão principal desta concepção da história é que:

- A sociedade não é um somatório do (a) “fator econômico” + (b) “fator político” + (c) “fator ideológico”;
- A sociedade é uma totalidade de relações sociais atravessada por contradições internas que não são eternas, mas, pelo contrário, transitórias e históricas.

O enigma da exploração

O socialismo marxista permite tornar plenamente observável algo que já havia sido intuído pelos utópicos: a sociedade contemporânea é brutalmente injusta e se baseia na exploração da classe trabalhadora. Isto, porém, não corresponde à maldade, perversidade, corrupção ou falta de colaboração dos patrões individuais. O que há por detrás da exploração é uma lógica do

sistema em seu conjunto, baseada numa instância oculta: a extração de mais-valor.

O mais-valor não é observável a simples vista. A exploração, mesmo que padecida, sentida, sofrida e intuída dia a dia pela classe trabalhadora, somente pode ser compreendida racionalmente e em termos científicos a partir da teoria crítica do capitalismo conduzida pelo socialismo marxista. Do senso comum cotidiano não brota a compreensão acerca da fonte oculta da exploração capitalista.

No mercado capitalista, o mais-valor assume as formas de:

- lucro industrial (para o capital dedicado à indústria);
- juros (para o capital centrado nos bancos e nas finanças);
- renda da terra (para o capital baseado na exploração dos trabalhadores da terra).

Este mais-valor se assenta num trabalho excedente — realizado pelos operários — pelo qual nada se paga. O mais-valor é um trabalho humano não remunerado, não retribuído, mas que permanece oculto sob a aparência de que, com o salário, o patrão paga por todo o trabalho realizado pelos trabalhadores, quando, na realidade, somente paga uma parte, ficando com o excedente.

Isto significa que os operários trabalham mais do que realmente necessitam para viver e para reproduzir sua capacidade de trabalho (que Marx denomina “*força de trabalho*”). O mais-valor é um valor que vai além de si mesmo, por isso constitui um “algo a mais”. Sua fonte é um trabalho que dura além do necessário para reproduzir a própria sobrevivência dos trabalhadores e suas famílias. Por isso é um trabalho excedente. Dele vivem os empresários e patrões. Estes não exploram porque sejam “maus”, mas pela lógica mesma do capitalismo (na vida real se comportam de maneira perversa e maligna; mesmo sendo boa gente, de igual forma seriam exploradores). Os patrões apenas pagam pelo valor da capacidade de trabalhar de seus empregados, não o valor daquilo que operários e operárias realmente produzem. A diferença entre o que os trabalhadores produzem e o que se lhes paga como salário é o mais-valor.

Com esta descoberta que Marx trouxe ao socialismo, a suposta “natureza humana eterna e imutável”, para a qual sempre apela o discurso dos empresários (e das correntes teóricas que os legitimam), se esvai imediatamente. A fonte da exploração, mesmo oculta à simples vista e para o senso comum, adquire deste modo uma explicação racional e compreensível. Não pertence ao “coração do homem”. Deixa de ser uma instituição “natural” — que sempre existiu e sempre ... existirá — para transformar-se em algo simplesmente histórico, transitório e, portanto, superável.

A partir desta descoberta — exposta em uma obra imensa de milhares de páginas, intitulada *O Capital* (cujo primeiro tomo foi publicado em 1867) — o socialismo experimenta uma transformação radical. Termina conjugando os velhos anseios utópicos de uma sociedade mais justa e igualitária, a que Marx não renuncia (como muitos historiadores superficiais supõem), a uma sólida e detalhada argumentação científica.

De onde vem a cientificidade desta proposição? Da crítica da economia política clássica, a ciência social mais avançada nos tempos de Marx que, ao mesmo tempo, legitimava a sociedade mercantil capitalista.

Esta ciência, no caso de Adam Smith e David Ricardo, havia vislumbrado uma teoria do valor das mercadorias sustentado no trabalho humano incorporado por elas, mas não pôde descobrir:

□ o caráter histórico da forma de “valor” que assumem os produtos do trabalho humano quando são produzidos numa sociedade mercantil capitalista;

□ a forma geral do “mais-valor” (base da exploração de uma classe social por outra), oculta a simples vista, mas subjacente às formas visíveis de lucro industrial, juros bancários e renda da terra.

A filosofia sai de si em busca de um sujeito

No socialismo marxista, as dimensões utópica e científica se articulam com a crítica sistemática do *statu quo* e com uma filosofia da ação transformadora e revolucionária: a “filosofia da práxis”. Trata-se de uma concepção geral do mundo, da vida, dos seres humanos, de suas relações sociais e de sua história, na qual a categoria central — a práxis — refere-se à unidade de pensamento, isto é, o sentir e o fazer; em outras palavras, à unidade de prática e consciência. O aspecto fundamental da filosofia da práxis está na atividade humana transformadora (que modifica tanto a realidade externa ao ser humano — o objeto — como ao próprio ser humano — o sujeito).

Esta filosofia descola-se do terreno dos antigos relatos utópicos (majoritariamente desenvolvidos na órbita de livros escritos por intelectuais críticos do capitalismo) e ultrapassa o raio de alcance da filosofia universitária, limitada às aulas e bibliotecas, para prolongar-se além de si mesma, entre os trabalhadores e trabalhadoras. Os herdeiros da filosofia clássica alemã — da qual Marx e Engels adotam o método dialético — não são, então, os professores nem os acadêmicos (por mais bem intencionados ou informados que sejam), mas a classe trabalhadora revolucionária.

É esta classe social que funda em 1864 (em vida de Marx) a Associação Internacional de Trabalhadores-AIT, também conhecida como Primeira Internacional. Na AIT conviviam os marxistas, junto com os republicanos radicais, os seguidores de Louis-Auguste Blanqui (1805-1881), os discípulos de Proudhon e os anarquistas. (O anarquismo é uma ideologia libertária e anticapitalista que manteve ao longo da história disputas, cruzamentos,

aproximações, polêmicas, intercâmbios e trocas de ideias com o socialismo, principalmente com o marxista).

Se a revolução europeia de 1848 foi o batismo de fogo para as ideias políticas de Marx, a Comuna de Paris de 1870-1871 constituiu uma prova não menos relevante. Logo após a derrota desta última, sobrevém a crise da AIT (dissolvida em 1872). Nas décadas posteriores, são criados na Europa poderosos partidos socialistas de massas. O mais importante de todos é, ao final do século XIX, o alemão. Este partido contribui com a fundação, em 1889, da Segunda Internacional ou Internacional Socialista.

Nesta época, um dos principais representantes da Internacional Socialista era o genro de Marx — casado com sua filha Laura — Paul Lafargue (1842-1911), nascido em Santiago de Cuba e que se tornou um dos políticos socialistas mais importantes da França. Seu grande aporte ideológico a esta tradição foi *O direito à preguiça*, uma obra erudita onde, na contramão da corrente socialista hegemônica, que sempre promoveu o culto ao trabalho, Lafargue defendia os legítimos direitos ao ócio do operário e ao desfrute do tempo livre das classes subalternas. Lafargue chega a afirmar que o amor frenético ao trabalho é “*uma aberração mental*” e “*uma estranha loucura que se apoderou das classes trabalhadoras*”.

Apesar de o partido alemão manter uma inspiração ideológica predominantemente marxista, alterou a terminologia para se denominar “socialdemocrata”. Em fins do século XIX, o termo “socialdemocracia” era assimilado a “socialismo” e “comunismo”.

Fora da Europa, um dos partidos políticos mais precoces a seguir a inspiração do partido alemão e que conquistou maior quantidade de adeptos foi o argentino. Neste caso, o partido fundado, em 1896, por Juan Bautista Justo (1865-1928) se denominou “socialista”.

Se o principal dirigente político do partido socialdemocrata alemão foi Augusto Bebel (1840-1913), seus dois grandes ideólogos foram Karl Kautsky (1854-1938) e Eduard Bernstein (1850-1932). Entre ambos se travará uma aguda polêmica: Kautsky representará os “ortodoxos” (por manter-se literalmente fiel aos escritos de Marx) e Bernstein, os “revisionistas” (ao propor revisar as teorias de Marx). Ainda que a filosofia e a teoria os tenham sempre mantido separados, com o transcorrer do tempo, na política, Kautsky tenderá a se aproximar progressivamente das posições moderadas de Bernstein.

Dois caminhos divergentes para criar e construir o socialismo

Daí então a Segunda Internacional começa a se dividir nas duas grandes tendências mundiais que atravessarão o socialismo durante todo o século XX:

□ a corrente moderada, reformista, evolucionista e gradualista;

□ a corrente radical e revolucionária.

Se a primeira vertente buscava obter mudanças lentas e de caráter quantitativo, a segunda tratava de, por meio de uma postura ativista, lograr mudanças qualitativas para transformar a sociedade. Estas duas tendências reaparecem periodicamente, inclusive em nossos dias, entre aqueles que rechaçam o capitalismo e aspiram modificar a ordem social (com a diferença notável de que a corrente reformista de fins do século XIX e começos do século XX, mesmo moderada, pretendia chegar ao socialismo, enquanto que essa mesma vertente, hoje em dia, se conforma tão somente em conquistar um “capitalismo de rosto humano”).

A ruptura entre ambas se produz de maneira explosiva durante a primeira guerra mundial (1914-1918), quando entra em crise a Internacional Socialista. Então, o setor moderado dos parlamentares socialistas pertencente a diversos órgãos legislativos europeus, em suas respectivas câmaras de deputados, vota, junto com a direita e os conservadores, a favor dos créditos de guerra e dos projetos de lei de defesa. Estes projetos e créditos permitiram aumentar o número de efetivos militares de cada país e elevaram enormemente o orçamento militar. Deste modo, foi esquecida a tradição socialista que historicamente se opunha a apoiar a guerra de um setor dos empresários (por exemplo, alemão) contra outro setor empresário (por exemplo, francês). Nessas guerras, quem sempre perde são os trabalhadores, que morrem nas trincheiras, como bucha de canhão (sejam eles alemães ou franceses, segundo o mesmo exemplo).

Com essa votação escandalosa e vexatória, todo um setor do socialismo mundial se separa do outro. Os mais radicais — que rejeitam a guerra — se afastam indignados dos mais moderados — que votaram os créditos a favor da guerra.

Os radicais são encabeçados na Rússia por Vladimir Ilich Ulianov (conhecido pelo pseudônimo de Lênin [1870-1924]) e na Alemanha por Rosa Luxemburgo (1870-1919).

A vergonha “esquecida” da socialdemocracia

O assassinato de Rosa Luxemburgo provavelmente seja uma das tragédias mais desonrosas e “esquecidas” que sofreu a tradição socialista ao longo de toda sua história (comparável apenas ao assassinato de Trotsky em 1940 por Ramón Mercader, enviado de Stálin).

A intelectual judia polaca Rosa Luxemburgo teve uma formação científica e teórica de alto nível, ao ponto de ter feito correções matemáticas nas fórmulas econômicas do segundo tomo de *O Capital* de Marx (um dos mais complexos de todos os seus escritos).

Na Alemanha, Luxemburgo foi a principal dirigente da Liga Spartaquista (célula inicial do que, mais tarde, seria o Partido Comunista Alemão, que adotou esse nome em homenagem à insurreição dos escravos da antiguidade). Junto a Luxemburgo, na Liga Spartaquista militaram Karl

Liebknecht (1871-1919), Franz Mehring (1846-1919) e Clara Zetkin (1857-1933).

O 9 de novembro de 1918 (um ano depois da revolução bolchevique na Rússia) teve início a revolução alemã. Depois de uma greve geral, os trabalhadores insurretos — dirigidos por Rosa Luxemburgo — proclamaram a República e constituíram os conselhos revolucionários de operários e soldados. Enquanto Kautsky e outros socialistas se mostravam vacilantes, o grupo majoritário do socialismo alemão (comandado por Friedrich Ebert [1870-1925] e Philipp Scheidemann [1865-1939]) enfrentou com veemência e de forma impiedosa aos revolucionários.

Tanto é que Gustav Noske (1868-1947), membro do grupo socialista majoritário, assumiu o cargo de Ministro de Guerra. Desse posto e com ajuda dos oficiais do antigo regime alemão, organizou a repressão aos espartaquistas insurretos. Enquanto isso, o diário socialdemocrata *Vorwärts* [Avante] publicava avisos conclamando aos Freikorps — “corpos livres”, nome dos comandos terroristas de direita — que combatessem os espartaquistas, oferecendo-lhes “salário mínimo, teto, comida e cinco marcos extras”.

Em 15 de janeiro de 1919, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo foram capturados em Berlim pela enfurecida tropa de soldados. Horas mais tarde, foram selvagememente assassinados. Pouco depois, Leo Jogiches (1867-1919, que também utilizava os pseudônimos de León Grozowski, Jan Teszka ou J. Kresztalowicz), companheiro de amor e militância de Rosa Luxemburgo durante muitos anos, foi igualmente assassinado. O corpo de Rosa, já sem vida, foi jogado em um rio pelos covardes militares.

A responsabilidade política que o socialismo reformista e gradualista teve com o miserável assassinato de Rosa Luxemburgo e seus companheiros já não mais se discute. Esse ato de barbárie ficou marcado como uma vergonha moral no interior desta tradição e dificilmente se apagará com o tempo.

O marxismo revolucionário: ou tudo ou nada, sacodindo a história e abalando o tempo

Outro líder do socialismo radical, que se assume como tal logo após a dissensão formada por causa da primeira guerra mundial, é Lênin. Será ele que, em 1917, encarregar-se-á, na Rússia, de “*tomar os céus de assalto*” (a expressão pertence a uma carta que Karl Marx escreveu, em 1871, a seu amigo Kugelmann, sobre a insurreição da Comuna de Paris. Lênin sempre festejou essa expressão de Marx, pois encontrava nela o coração do marxismo revolucionário).

Em outubro de 1917, realizou-se a Revolução Russa, que abalou os tempos, sacudiu a história e abriu todo um arco de possibilidades para a rebelião mundial dos explorados e subjugados. Depois de séculos e séculos baixando

a cabeça e obedecendo, as classes subalternas se puseram de pé, ficando cara a cara com os exploradores, enfrentando-os e conquistando a vitória.

As consequências da Revolução Russa marcarão a ferro e fogo todo o século XX. Ao mesmo tempo, além de retomar o impulso revolucionário de Marx, com Lênin o socialismo deixava de ser uma doutrina exclusivamente europeia para começar a universalizar-se realmente, superando seu eurocentrismo inicial. A partir da análise acerca do “problema colonial” e da liderança exercida na Internacional Comunista ou Terceira Internacional (fundada, em 1919, por Lênin, acompanhado de Trotsky), o socialismo marxista radical se difunde rapidamente pela China, Índia, Indochina — hoje Vietnam —, América do Sul e outros segmentos do globo terráqueo em que, até então, não havia surgido um grande interesse pelo socialismo europeu. As reivindicações e protestos dos povos oprimidos e subjugados da Ásia, África e América Latina encontram no marxismo revolucionário de Lênin e seus amigos o prisma através do qual se inspirarão as futuras rebeliões.

Na China, o pensamento de Lênin será utilizado por Mao Tsé-Tung (também chamado Mao Zedong [1893-1976]), que encabeça, em 1949, a revolução naquele país. O mesmo sucederá no Vietnam, cujo principal líder, Ho Chi Minh (seu verdadeiro nome era Nguyễn Tất Thành [1890-1969]), se declara discípulo de Lênin. Ho Chi Minh dirigirá uma longa guerra de libertação. Primeiro, contra o Japão, depois contra a França, e finalmente, contra os Estados Unidos. Nessas guerras de libertação, o povo do Vietnam derrotou as principais potências da Terra, infinitamente mais poderosas. Lênin foi a grande inspiração.

Lênin não estava isolado na sua visão radical do socialismo. Dentro desse mesmo horizonte de ideias esteve acompanhado, durante a primeira metade do século XX, por León Bronstein (habitualmente conhecido pelo pseudônimo de Trotsky [1879-1940]), a já mencionada Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci (1891-1937), os representantes políticos mais notórios do socialismo revolucionário. E será durante a segunda metade do século XX que sua mensagem encontrará um porta-voz mundialmente reconhecido: o argentino-cubano Ernesto “Che” Guevara (1928-1967).

O socialismo marxista como ética revolucionária

Che Guevara, herdeiro do socialista peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930), principal marxista da América Latina, se converterá no símbolo mundial do socialismo radical — ou comunismo revolucionário — e da rebeldia internacional contra o sistema capitalista. Com a revolução cubana de 1959, encabeçada por Fidel Castro (n.1926) e por Che Guevara, o marxismo latino-americano retoma a perspectiva política revolucionária de Lênin e Mariátegui, articulando-a com uma leitura humanista do socialismo.

Na singular interpretação marxista revolucionária de Che, esta ideologia se entende não apenas como um programa de ação política e de transformações econômicas, mas também — e principalmente — como uma ética vital. Segundo suas próprias palavras: *“Deixa-me dizer, sob risco de parecer*

ridículo, que o revolucionário verdadeiro é guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar em um revolucionário autêntico sem esta qualidade”. Seu chefe, companheiro e amigo, Fidel Castro, sintetizou o tema da seguinte maneira: “O verdadeiro revolucionário não pensa de que lado se vive melhor, mas de que lado está o dever”.

Em sintonia com esta concepção ética e humanista do socialismo, Che Guevara sustentava que: *“a última e mais importante ambição revolucionária é ver o homem libertado de sua alienação”*. Em outra oportunidade, despedindo-se de seus filhos, disse que: *“Estejam certos de que a Revolução é o que há de mais importante e que cada um de nós, sozinho, não vale nada. Sobretudo, sejam sempre capazes de sentir, no mais fundo de si, qualquer injustiça cometida contra qualquer um em qualquer parte do mundo. Esta é a qualidade mais linda de um revolucionário”*.

Guevara se apoiava numa detalhada leitura dos textos científicos do marxismo: estudou durante anos, junto com Fidel Castro e outros companheiros, *O Capital* e produziu vários escritos sobre este tema, incluindo uma extensa crítica ao *Manual de Economia Política* da União Soviética. Ao mesmo tempo, Che reatualizou, dentro do socialismo, o velho anseio utópico de um igualitarismo radical (presente nos “autênticos niveladores”, liderados na Inglaterra por Gerard Winstanley ou na “conspiração dos iguais”, dirigida na França por Graco Babeuf). Todo o movimento estudantil de 1968 (desde Berkeley nos EUA, Trento na Itália, Paris na França, Berlim na Alemanha, até o México) o adotou como guia. O mesmo fizeram as revoluções do Terceiro Mundo: Vietnam, Argélia e todo o movimento guerrilheiro latino-americano. Nos EUA, os Panteras Negras seguiram esse mesmo caminho.

Dos anos 60 até hoje, esse componente utópico de libertação radical e igualitarismo intransigente o transformaram em um autêntico paradigma, aos olhos de toda a nova esquerda mundial e, principalmente, da juventude.

Naquele tempo, quando Fidel e Che encabeçaram a revolução cubana, a União Soviética já se havia se burocratizado. Após a morte de Lênin (1924), a burocratização terminou carcomendo por dentro a revolução e seu projeto emancipador. Esse processo alcançou seu ápice durante o apogeu de Stálin (1879-1953). Renunciando à perspectiva internacionalista, Stálin (seu verdadeiro nome era José Vissarionovich Dzugashvili) promoveu a dissolução, em 1943, da III Internacional — Trotsky fundara, numa dissidência, a IV Internacional em 1938 — enquanto buscava consolidar seu singular modelo de “socialismo em um só país”.

Bastante afastado do projeto original de Lênin, este modelo se consolidou sobre a base de um forte autoritarismo (em virtude do que muitos revolucionários foram assassinados) e de uma hierarquia exacerbada (que gerou um importante descontentamento e uma apatia na classe trabalhadora russa, ao ponto de que, quando, em 1991, se derrubou a URSS, ninguém moveu um dedo para defendê-la ou preservá-la).

Após a morte de Stálin (1953), nas décadas seguintes seus continuadores à frente da URSS não fizeram mais do que prolongar esse mesmo caminho. Por essa época, a União Soviética e sua versão burocrática de “socialismo real” deixaram de atrair e seduzir a juventude rebelde e os trabalhadores revolucionários do mundo.

Diante desse panorama sombrio, a mensagem radical de Guevara, inspirada na revolução cubana que dirigiu junto com Fidel Castro, se converteu rapidamente num paradigma e num exemplo alternativo de caráter mundial frente aos “socialismos reais” europeus, os quais foram derrubados com o muro de Berlim (principalmente o da URSS, mas também o da Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Polônia, Romênia, etc., etc.). Assim interpretam os jovens da América Latina, da Europa e de outros continentes que hoje clamam que “*outro mundo é possível*”. Não é casual que a imagen de Che apareça nos idiomas mais diversos, nos países mais remotos e em todo tipo de protesto contra o capitalismo de nossos dias.

Orfandade política e sedução acadêmica

A outra vertente do socialismo, gradualista e moderada, não conta, em suas fileiras, com um pensador político da estatura de Lênin ou de Gramsci, tampouco com uma figura sedutora análoga à de Che Guevara.

O principal teórico desta tradição foi, sem dúvida, Eduard Bernstein. Rompendo amarras com o radicalismo de Marx, mas conservando a perspectiva coletivista, Bernstein propôs, em fins do século XIX, extirpar do socialismo toda referência à filosofia de Hegel. Segundo sua ótica, na filosofia dialética de Hegel (que Marx encampou, conjugando-a a outras tradições e disciplinas) se encontrava a base teórica do radicalismo político. Em seu lugar, Bernstein propôs uma nova síntese filosófica entre Marx e Immanuel Kant (1724-1804). Desta forma, pensava Bernstein, estaria garantido transformar o socialismo tão somente num ideal ético de longa duração (o “programa máximo”, segundo o jargão da época), evitando toda tentativa de conduzi-lo à prática mediante ações revolucionárias.

Polemizando com Bernstein, Kautsky propôs substituir Kant por ... Charles Robert Darwin (1809-1882). Deste modo, propunha construir, em nome de Marx, um socialismo evolucionista que, politicamente, não diferia muito do de Bernstein. O experimento teórico de Bernstein, qualificado em seu tempo como “revisionista” (porque visava revisar os fundamentos do socialismo marxista) não teve continuação teórica de idêntico teor e solidez ao longo de todo o século XX.

Do triunfo da revolução bolchevique de 1917 em diante, a corrente política de Bernstein e Kautsky, que procurava promover uma transição gradual e desacelerada ao socialismo, começou a autobatizar-se de “socialista democrática” (apesar de que, na Alemanha, por exemplo, foi precisamente o autobatizado “socialismo democrático” que, em nome da “democracia”, assassinou Rosa Luxemburgo...). Assim marcou sua férrea oposição ao socialismo revolucionário. Tal oposição chegou ao seu limite extremo

durante a revolução alemã de 1918-1919, com a brutal execução dos espartaquistas.

Apesar da séria limitação, que implicou em não contar com herdeiros do mesmo calibre intelectual que Bernstein ou Kautsky, esta corrente ainda conseguiu seduzir alguns intelectuais acadêmicos. O mais famoso deles — de renome mundial — foi Albert Einstein (1879-1955), fundador da física relativista. Einstein encontrou no socialismo reformista um ideal ético compatível com sua fé judia pacifista e humanista. Este pacifismo o conduziu a se opor, junto com o filósofo liberal inglês Bertrand Arthur William Russell (1872-1970), à corrida armamentista dos Estados Unidos.

Entre os políticos mais notórios do século XX que aderiram ao socialismo reformista, cabe mencionar o chanceler alemão Herbert Ernst Karl Frahm (conhecido habitualmente pelo pseudônimo de Willy Brandt [1913-1992]) e o sueco Olof Palme (1927-1986). Este último, apesar de ser reformista, apresentou uma perspectiva mais aberta ao Terceiro Mundo e mais progressista do que a de Willy Brandt, mantendo, inclusive, uma atitude de simpatia pelo Vietnã na guerra que este país enfrentou contra os Estados Unidos.

Talvez a única figura emblemática que a vertente moderada tenha logrado integrar em sua constelação ideológica, com um status ético em alguma medida comparável à de Che Guevara, tenha sido o presidente chileno Salvador Allende (1908-1973). Allende foi eleito presidente do Chile, sob a forma constitucional e de acordo com as leis burguesas, em 1970. Três anos mais tarde, em setembro de 1973, diante da sua negativa em ceder às pressões do Exército e das empresas norte-americanas, foi derrubado e assassinado pelo general Pinochet (assessorado pela CIA). Essa experiência frustrada — e a atitude inquebrantável que nela jogou Allende em defesa da legalidade até seu último alento — alcançaram grande repercussão na América Latina e na Europa.

Um debate em aberto

Após anos de disputas e polêmicas, ambas as vertentes socialistas — a gradualista e a revolucionária — voltam-se a entrecruzar (junto com a tradição anarquista libertária, o ecologismo, o feminismo, o cristianismo de libertação e outras correntes críticas do neoliberalismo) no atual movimento de resistência global contra o capitalismo. Um movimento que nasceu em 1996, a partir de um chamado internacional dos zapatistas de Chiapas e que logo se consolidou com a rebelião de Seattle (EUA, 1999).

Daquele momento até hoje [2007], cresce a rebelião dos povos. O neoliberalismo entra em crise e voltam a se instalar os grandes debates sobre o socialismo. Como será o socialismo do século XXI e quais formas futuras assumirá este “movimento mundial de movimentos” (que reclama por “*outro mundo possível*”) é parte de uma história aberta cujas melhores páginas ainda não foram escritas. O desenlace desse final em aberto não é alheio à nossa participação.

Breve cronologia da história política do socialismo

1780: Insurreição indígena americana encabeçada por José Gabriel Túpac Amaru.

1789: Revolução Francesa (a mais radical das revoluções burguesas europeias).

1794: Insurreição dos escravos negros no Haiti (domínio colonial francês).

1804: Independência do Haiti (primeira revolução americana que conquista a independência nacional e a emancipação social num mesmo processo ininterrupto).

1810: Começo do ciclo das revoluções americanas centradas na independência nacional sem emancipação social. Os principais líderes são José de San Martín e Simón Bolívar.

1818: Nasce Karl Marx na Alemanha.

1848: Insurreição europeia (pela primeira vez os trabalhadores lutam por seus próprios interesses e com suas próprias bandeiras, de forma independente da burguesia).

1864: Nasce a Associação Internacional dos Trabalhadores-AIT (nela convivem os marxistas, os anarquistas, os republicanos radicais), conhecida como Primeira Internacional.

1871: Comuna de Paris (primeira revolução proletária triunfante da idade contemporânea. Os trabalhadores tomam o poder, mas são finalmente derrotados de forma sangrenta).

1889: Nasce a II Internacional ou Internacional Socialista (de tendências predominantemente moderadas).

1895: José Martí morre lutando pela independência de Cuba.

1898: - Intervenção estadunidense em Cuba na guerra contra a Espanha (esta intervenção marca o início da primeira guerra imperialista moderna).

- O socialista argentino Juan B. Justo traduz o primeiro tomo de *O Capital* de Marx para o castelhano.

1909: Início da ocupação dos mariners norte-americanos na Nicarágua (que se estende até 1933).

1910: Início da revolução mexicana, de inspiração camponesa. Seus líderes mais radicais foram Francisco Villa e Emiliano Zapata. Este último, em 1918, escreve uma carta ao general Amescua defendendo a revolução socialista bolchevique e comparando-a com a revolução mexicana.

1914-1918: Primeira guerra mundial (durante esta guerra a Internacional Socialista divide-se entre aqueles que a apoiam — os moderados — e os que a rejeitam — os radicais).

1915: - Início da intervenção dos EUA na República Dominicana (que se estende até 1926).

- Início da intervenção dos EUA no Haiti (que dura até 1934).

1917: Em outubro triunfa a revolução bolchevique na Rússia (primeira revolução vitoriosa em nível mundial, na qual os trabalhadores, diferentemente da Comuna de Paris, conseguem consolidar seu poder, ganhar a guerra civil e rechaçar as intervenções estrangeiras. A revolução bolchevique nasceu com o movimento operário internacional, como primeiro elo da revolução mundial).

1919: Nasce a III Internacional ou Internacional Comunista (em seu nascimento, tem como objetivo fundamental promover a revolução mundial).

1919: Com a derrota da insurreição alemã, são assassinados Rosa Luxemburgo e seu companheiro de luta Karl Liebknecht. A responsabilidade política destes assassinatos corre por conta da socialdemocracia moderada.

1922: - Após a derrota dos levantes operários revolucionários em Turim, o fascismo ascende na Itália (com Benito Mussolini à frente).

- É fundado no Brasil, em 25 de março, em Niterói, o Partido Comunista (PCB – na época, Seção Brasileira da III Internacional).

1924: Morte de Lênin.

1926: - Antonio Gramsci, o principal dirigente do comunismo italiano, é encarcerado por Benito Mussolini.

- O general Augusto César Sandino começa a guerra de libertação contra a invasão norte-americana na Nicarágua (que dura até 1933, quando então se retiram os mariners ianquis. Entre os principais ajudantes de Sandino se encontra Farabundo Martí, líder do comunismo salvadorenho).

1927-1936: Ascensão e consolidação de Stálin à frente do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e da Internacional Comunista.

1929: - No México, onde estava exilado, dois jagunços a serviço do ditador cubano Machado assassinam Julio Antonio Mella, um dos fundadores do marxismo latino-americano.

- Em Buenos Aires se reúne a primeira conferência comunista sulamericana, com predomínio ideológico de Victorio Codovilla (representante latino-americano do stalinismo e duro oponente de José Carlos Mariátegui).

1930: No Peru, morre José Carlos Mariátegui, o principal teórico do marxismo latino-americano (antes de Che Guevara).

1932: Em El Salvador, o Partido Comunista, liderado por Agustín Farabundo Martí, encabeça uma insurreição radical, que é derrotada. Em apenas um mês, a burguesia e o exército salvadorenho assassinam 30.000 camponeses.

1933: Ascensão do nazismo na Alemanha (com Adolfo Hitler à frente).

1935: No Brasil, Luís Carlos Prestes, com ajuda da Internacional Comunista, lidera uma revolta nacionalista que é derrotada. Os líderes são torturados. Olga Benário, companheira de Prestes, judia e comunista, é deportada para a Alemanha nazista.

1936: - Início do levante fascista do general Francisco Franco contra a república espanhola.

- Julgamentos de Moscou, por meio dos quais os principais dirigentes da revolução bolchevique de 1917 são executados a mando de Stálin.

1938: É fundada a IV Internacional, de inspiração trotskista.

1939-1945: Segunda guerra mundial. Os nazistas promovem um genocídio brutal. São assassinados milhões de judeus, ciganos, homossexuais, socialistas e comunistas.

1940: Ramón Mercader, um agente secreto enviado por Stálin, assassina León Trotsky no México.

1943: Stálin dissolve a Internacional Comunista ou III Internacional, para garantir a convivência pacífica com as potências capitalistas do Ocidente.

1945: Independência do Vietnã após a rendição do Japão. Proclamação da República Democrática do Vietnã. Ho Chi Minh é proclamado presidente.

1946: Começa a guerra colonial da França contra o Vietnã, concluída em 1954, com a vitória vietnamita na batalha de Dien Bien Phu.

1947-1950: Apogeu, nos Estados Unidos, da política anticomunista propagada pelo senador Joseph Raymond McCarthy, difusor da ideologia denominada “macartista”. Para o macartismo, as ideias do socialismo e do comunismo deveriam ser ferozmente perseguidas e reprimidas. Desde então, o macartismo se instala como cultura política oficial nos EUA e é exportado para diversos países latino-americanos que sofrem influência norte-americana.

1949: Revolução radical na China, liderada por Mao Tsé-Tung.

1950-1953: Intervenção norte-americana na guerra contra a República Democrática da Coreia, liderada por Kim Il Sung.

1953: Em 26 de julho, Fidel Castro e um grupo de jovens cubanos tentam tomar de assalto o quartel militar Moncada. Com esse gesto, começa a entrar em crise a passividade da esquerda tradicional na América Latina e o predomínio do stalinismo.

1954: Intervenção estadunidense, através de tropas mercenárias, na Guatemala.

1956: A URSS invade a Hungria.

1959: Triunfa a Revolução Cubana liderada por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara. Abre-se, em todo o continente, um período de ofensiva revolucionária.

1961: As tropas lideradas por Fidel Castro derrotam, em Playa Girón, a invasão mercenária treinada e enviada pelos Estados Unidos. Primeira derrota dos EUA no hemisfério ocidental. Fidel Castro proclama publicamente o caráter socialista da revolução cubana.

1962: - Independência da Argélia do domínio francês, após longa luta em que os franceses torturam e assassinam à mão cheia.

- Crise entre a URSS e os EUA por causa dos mísseis soviéticos em Cuba. A URSS os retira unilateralmente, sem consultar os cubanos.

1964: Ruptura definitiva entre o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e o Partido Comunista da China (PCCH).

1965: - Nova ocupação norte-americana em São Domingo (República Dominicana).

- O governo dos EUA adota oficialmente a doutrina militar de “Segurança Nacional”, também chamada de “Guerra Contrainsurgente”, com o objetivo de combater, na América Latina, as ideias socialistas e comunistas. Com esta doutrina, se generaliza a tortura de todo opositor e se multiplicam os golpes de Estado no continente, estimulados, financiados e treinados pelos EUA.

1966: Reúne-se, em Havana, a Conferência Tricontinental, com representantes da Ásia, África e América Latina (discutem-se as vias para o socialismo em nível mundial).

1967: - Reúne-se a Organização Latino-americana de Solidaridade (OLAS) em Havana (onde Fidel Castro e seus companheiros de todo o continente proclamam uma estratégia comum de revolução socialista em escala continental).

- Che Guevara cai assassinado na Bolívia.

1964: Golpe de Estado liderado por militares e pela grande burguesia monopolista no Brasil, derrubando o governo populista de João Goulart e interrompendo a ascensão do movimento operário e de massas no país.

1968: - Grandes protestos juvenis e estudantis nas principais capitais do mundo. O mais famoso explode em Paris, o mais radical, em Berlim ocidental. Estas são as primeiras grandes revoltas de massa depois da derrota insurreccional dos anos 1920 e das convulsões da segunda guerra mundial. É o auge das ideias socialistas radicais no meio da juventude em nível mundial. No México, 400 jovens estudantes (acompanhados de velhos militantes de esquerda) são massacrados em uma mesma noite.

- Após ondas de protestos contra o assassinato do estudante Édson Luís no Rio de Janeiro, a ditadura brasileira adota, com o Ato Institucional nº 5, o terror como política de Estado, fechando o Congresso e mandando prender, torturar e matar militantes socialistas, comunistas e democratas.

- A URSS invade a Tchecoslováquia.

1970: Depois de vencer as eleições, ascende ao governo o presidente socialista chileno Salvador Allende. Tem início a primeira tentativa de realizar uma “transição pacífica” ao socialismo.

1973: Golpe de Estado impulsionado pelos EUA no Chile. O general Pinochet derruba o governo socialista de Salvador Allende. Fracassa a “transição pacífica”. Milhares de mortos e torturados. Começa o neoliberalismo em nível mundial, movido pelo punho de aço de uma sangrenta ditadura militar. O capitalismo começa a retomar a ofensiva contra o socialismo, a qual vinha perdendo desde 1917.

1975: Derrota definitiva das tropas norte-americanas no Vietnam. Fim da guerra. Unificação do Vietnam e adoção de um governo socialista para todo o país.

1976: Golpe de Estado na Argentina. Seus principais militares foram treinados em escolas norte-americanas. É proclamada a “Doutrina de Segurança Nacional” (de origem estadunidense) como doutrina oficial argentina, a exemplo do que também se deu no Brasil, com o golpe de 1964. Os socialistas e comunistas são declarados “*inimigos da pátria*”. Em pouco tempo, são sequestradas e assassinadas 30.000 pessoas. O país inteiro é arrasado.

1979: - Margaret Thatcher assume o poder na Inglaterra. O neoliberalismo chega à Europa pelas mãos do conservadorismo.

- Na Nicarágua triunfa a Revolução sandinista, encabeçada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), organização de inspiração marxista que anos mais tarde se filiará à Internacional Socialista (moderada).

1980: Ronald Reagan assume o governo dos EUA. O neoliberalismo chega aos EUA pelas mãos do neomacartismo. Tem início a intervenção militar estadunidense, em nível massivo e regional, em toda a América Central.

1983: Invasão estadunidense de Granada.

1986: Assassinato do líder socialista pacifista sueco Olof Palme.

1989: - Cai o Muro de Berlim e começam a ser derrubadas, sem pena nem glória, as sociedades burocráticas do Leste Europeu. As ideias do socialismo sofrem um descrédito em nível mundial. Os funcionários e filósofos norte-americanos proclamam, entusiasmados ... “*o fim da História*”.

- Invasão estadunidense do Panamá.

1991: Dissolução da União Soviética (nascida em 1922, nos tempos de Lênin).

1994: Levante do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) em Chiapas, México.

1996: Reúne-se, em Chiapas, o Primeiro Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo. Nasce, sob iniciativa latino-americana, o “movimento mundial de movimentos” contra a globalização capitalista.

1997: Reúne-se, em Barcelona, o Segundo Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo.

1998: Realiza-se, em Genebra, Suíça, a Primeira Conferência Mundial de Ação Global dos Povos. Nesse mesmo ano, Hugo Chávez ganha, por ampla maioria, as eleições na Venezuela, iniciando a revolução bolivariana, aliada da revolução cubana.

1999: - Realiza-se, em Zurique, um Encontro Internacional intitulado “Outro Davos”, em oposição ao Fórum Econômico Mundial reunido em Davos.

- Encontro Internacional reunido em Paris sob o lema “*Outro mundo é possível*”.

- Rebelião generalizada em Seattle, EUA. Primeira rebelião generalizada no centro mundial do capitalismo, depois de quase trinta anos (1968).

- A crítica ao capitalismo e as ideias do socialismo voltam ao primeiro plano da agenda mundial.

- Em uma enquete mundial da BBC de Londres, Karl Marx é eleito “*o maior pensador do milênio*”.

2001: - Realiza-se, em Porto Alegre, o Primeiro Fórum Social Mundial, com representantes dos cinco continentes, incluindo numerosas delegações dos EUA e da Europa Ocidental.

- Na Argentina, uma rebelião popular de massas derruba o governo neoliberal.

- Em uma nova enquete internacional da BBC de Londres, Marx é novamente eleito “*o maior pensador do milênio*”.

2002: - Realiza-se, em Porto Alegre, o Segundo Fórum Social Mundial.

- Na Venezuela, a CIA dos EUA organiza, financia e impulsiona um golpe de Estado contra Hugo Chávez, fracassado em virtude do aplastante apoio popular ao processo bolivariano.

2003: Realiza-se, em Porto Alegre, o Terceiro Fórum Social Mundial. Várias organizações lançam a consigna: “*Outro mundo é possível ... com a revolução socialista*”.

2005-2006: Evo Morales ganha as eleições na Bolívia e se converte no primeiro presidente indígena desse país. Cuba e Venezuela conseguem aglutinar um novo aliado na luta latino-americana contra a prepotência mundial dos EUA e o neoliberalismo.